ISO 12647:2-2004

1. Questões frequentes nas Artes Gráficas

Após a transição dos sistemas analógicos para os sistemas digitais na pré-impressão, as Artes Gráficas não mais pararam de evoluir.

Desde então, os gráficos depararam-se com a seguinte questão: **Qual o melhor fluxo de trabalho?** A esta questão, os fabricantes têm respondido com exelentes soluções. É neste departamento, que mais se tem investido, na investigação e no aperfeiçoamento; uma constante evolução de Hardware e software (Rip).

Mas será que os gráficos conseguem explorar ao máximo toda esta tecnologia?

Será que o menor ou maior aproveitamento das tecnologias, estão bem integradas no processo de produção/qualidade?

Por que será, que quando um cliente faz uma consulta ao mercado, constacta com exigências diferentes, quanto à entrega de ficheiros/ perfis de cor/ provas de cor?

Como se processa uma reimpressão? Fornecem-se provas de cor ou um exemplar impresso?

Em Portugal, vive-se muito na ideia de que cada organização deve ter perfis proprietários, que cada cliente antes de enviar o trabalho deve apropriá-lo ao seu fornecedor. Mais ainda, cada empresa elege a sua prova de cor, não como um standard, mas sim, identificada com a marca do seu equipamento: **"... a melhor prova de cor é o Cromalin", "não desculpe, a melhor prova de cor é o Match Print"**. Qual delas está correcta? Sabemos que com o mesmo jogo de peliculas, tinhamos duas provas diferentes. E as provas de cor digitais? Por que não são todas iguais mesmo partilhando os mesmos ficheiros?

Serão estes problemas culturais? Não estaremos receptivos à mudança?

Hoje, o mercado Gráfico em Portugal, urge em mudar do conceito de Artes Gráficas para Insdustria Gráfica, não podemos continuar a limitarmos a impressão e perder a competividade, produtividade e qualidade.

2. Standerizar. Sim ou não?

Standerizar ou não? É o mesmo que: **"posso aceitar trabalho de todo o mundo, ou todo o mundo tem que se adaptar à minha organização?"**

Standerizar nas Artes Gráficas, tal como noutra área indústrial, não é mais do que, eleger qual a norma apropriada a nossa produção **(ISO 12647:2-2004- Tecnologia Gráfica- Controlo de Processos para a Produção de Separações, Provas e Impressão de Meios Tons)**, e implementá-la.

A ECI (www.eci.org, Iniciativa Europeia da Cor) teve e tem um papel determinante no desenvolvimento da norma ISO 12647:2-2004. É da sua responsabilidade uma ferramenta fundamental ao processo de implementação, o **Altona Test Suite Application Kit**.

Na norma constam todos os elementos fundamentais para o sucesso da "globalização" da impressão gráfica: valores colorimétricos, ganho de ponto, equilibrio de neutros, sobreimpressão e grupos de papel.

3- Densitometria

Na maioria das empresas, adoptam-se densidades de impressão facultadas pelos fornecedores de tintas, papel, instrumentos de medição e até máquinas de impressão. Também é verdade, que muitas vezes os resultados são satisfatórios, mas na maioria acaba-se por guardar os densitómetros de reflexão e atribui-se um voto de confiança aos olhos do impressor.

No entanto, as densidades adoptadas podem até estar correctas, mas baseadas em quê? Se na própria norma não estão estipuladas densidades fixas.

Para chegarmos às densidades correctas, temos que fazer um estudo densitométrico com base num outro estudo, colorimétrico. Só desta forma, nós podemos ter a certeza do comportamento da tinta e do papel selecionados. Após este estudo, defenimos então o nosso "rango" de densidades (baixo, optimo e alto), para que possamos seguir ao próximo passo: **a curva característica de impressão**.

É com esta curva, introduzida no Rip dos Ctp, que se vai encontrar o equilibrio de impressão: controlo de ganho de ponto, trapping, equilibrio de neutros, primários e secundários.

4- Coloremetria

Não é a primeira vez que se ouve, que a prova de cor tem que simular a impressão. Muitas vezes o trabalho tem que seguir para a gráfica com perfis de cor tipo "speedmaster1.icc" ou "Komori4.icc", porque assim conseguimos "imprimir tal e qual a prova de cor". Mas no entanto, se tivermos no plano uma página com imagens à base de baixos tons, e por cima uma com imagens à base de meios/altos tons, a tintagem é incompatível: **"Temos que encontrar aqui um meio termo, para a página de cima ficar como na prova de cor, a página de baixo tem que ficar mais escura"**.

Sem querer focar esta problemática (isto deve-se ao descontrolo do ganho de ponto), para quê limitarmos a nossa prova de cor à nossa impressão? Por que não fazer a nossa impressão reproduzir a prova?
Com a introdução de sistemas de provas de cor digitais, temos a possibilidade de produzi-las com perfis standards, nomeadamente o IsoCoated, não estamos a limitá-la, mas sim em sintonia com uma normalização global da nossa produção.

A norma ISO, estipula valores colorimétricos para todos parâmetros de impressão, desde o papel, primários, secundários, neutros e os índices de trapping. É assim que analizamos o gamut da nossa impressão para podermos compará-lo com o da norma.

Em suma, o impressor tem motivos para confiar no seu trabalho, pois tem ao seu alcance densidades correctas, curva característica de impressão controlada, e para maior segurança (com a ajuda de aplicações existentes) pode aprovar o seu plano com uma leitura colorimétrica.

Edmundo Marques
High Shadow- Consultores Gráficos